Crítica // *La Parle* ★★★

Um coletivo sem rumo acertado

Ricardo Daehn

O roteiro de La Parle, situa-se entre um trecho de Aquarela ("e o futuro é uma astronave que tentamos pilotar") e o "nada do que foi será" da onda no mar cantada por Lulu Santos. Ainda que não se complete enquanto modelo de longa, La Parle vem batizado pela ideia de comunhão, com roda de personagens que, na costa basca, circundam uma área litorânea de famosa onda, que por uma lenda, ajuda na dissolução de problemas em andamento.

Reunidos no Les Ateliers du Cinéma, em vivência comandada pelo respeitado cineasta Claude Lelouch, um grupo — integrado por Fanny Boldini, pela brasileira Gabriela Boeri e pelos também estreantes em longa Kevin Vanstaen e Simon Boulier — conversou e interagiu, criando um longa-metragem (com imagens capturadas por iPhone), formulado entre 2018 e 2020 e que driblou a pandemia, dada a pós-produção, feita em esquema remoto. "Na espera, também acontece muita coisa", coincidentemente, proclama um dos personagens em cena.

PANDORA FILMES/DIVULGAÇÃO



Algumas cenas abstratas compõem o filme La Parle

Um belo desfecho visual em que ecoa o citado *Imensidão azul* (de Luc Besson), *La Parle* não trata de rivalidade, como é o caso do citado longa de 1988, mas sim de reconciliação e entendimento. Tateando personagens, todos tentam resolver a história, que vem com o andamento da vida — numa temporada de férias privilegiadas, entre preparação de jantares, discussões sobre vinho, análises multiculturais e contato com restrições, tudo de um quê desconexo, uma vez que cada (e todos) artistas cuidaram de todos os departamentos de produção do longa.

Citando a veia libertária do escritor Marcel Pagnol (adaptado para o cinema, em filmes como *Jean de Florette*, *Manon of the spring*, *A glória de meu pai* e *O castelo de minha mãe*), o grupo de criadores do filme investe na busca de tranquilidade, em meio ao caos pessoal. Situações incompletas, bloqueios, separações iminentes (no caso da avó, cada vez mais confusa, ao telefone) e doenças estão alinhavadas em La Parle. Longe do que seja previsto, líquido ou certo, em grupo, personagens discutem desde a inexistência do "risco zero" na vida até o desamor, o "parar de amar" e a afeição como algo nada "consumível". Divagações pairam, algumas interessantes.

Ao alcance de todos os gostos

A nova onda do cinema, não só francês, mas internacional teve como marco Acossado, filme assinado por Jean-Luc Godard, em 1959, e que veio ladeado por uma obra singular: Os incompreendidos, retrato da infância do emblemático François Truffaut. Uma das lideranças da chamada nouvelle, Jean-Luc Godard ganha uma mostra no Cine Brasília (EQS 106/ 107), a partir das 18h30. A atração chega quase nove meses depois da morte do mestre.

Acossado é o filme de estreia do cineasta celebrado ainda diante de produções como *O demônio das onze horas*. Estrelado por Jean Seberg e Jean -Paul Belmondo, Acossado examina a instituição do pop, em cima de uma história policialesca, mas que dispensa toda e qualquer faceta convencional. Enfurnado num apartamento, depois de uma série de contravenções, o protagonista vive uma história de amor, justo com uma americana que deveria estar disposta à denúncia, uma vez que pretende se tornar jornalista.

STRINGER



Jean-Luc Godard, em imagem registrada em 1971

Também no chamado cinema de nicho, uma atração chega ao Espaço Itaú de Cinema (CasaPark): é *Michelangelo — Infinito*, longa de 2017 que figurou no segmento A Grande Arte no Cinema (da recente 8 1/2 Festa do Cinema Italiano), todo ele dedicado ao exame de personalidades como Tintoretto e Caravaggio. Dirigido por Emmanuele Imbucci, Michelangelo é um documentário detido nos segredos, transtornos e nas crenças do pintor, arquiteto e poeta morto em 1564.(**RD**)

